



SEÇÃO: TEXTO COMO TECIDO DA CULTURA

Texto como tecido da cultura

Text as the texture of culture

El texto como tejido de la cultura

Ekaterina Vólkova

Américo¹

orcid.org/0000-0002-5847-2444

ekaterinamerico@gmail.com

Maria Glushkova²

orcid.org/0000-0002-1922-4448

maria.glushkova@yahoo.com

Alexey Ovcharenko³

orcid.org/0000-0002-8544-5812

ovcharenko_ayu@pfur.ru

Cláudio Primo Delanoy⁴

orcid.org/0000-0002-8015-5349

claudio.delanoy@pucrs.br

Recebido em: 15 out. 2024.

Aprovado em: 15 out. 2024.

Publicado em: 04 dez. 2024.

Resumo: O propósito deste artigo é discutir o texto como tecido da cultura, evidenciando uma relação necessária entre ambos. Partimos dos pressupostos teóricos de pensadores que abordam a linguagem e, conseqüentemente, o texto como indissociáveis de momentos históricos, políticos, culturais da sociedade, tais como Émile Benveniste, Iúri Lotman, Mikhail Bakhtin, Roland Barthes e Valentin Volóchinov. Metodologicamente, fizemos uma pesquisa bibliográfica pela qual levantamos reflexões concernentes ao nosso objetivo; ao relacionarmos tais reflexões, buscamos o fundamento teórico à pesquisa. As considerações apontam que tanto a cultura como os sujeitos constituem-se pela linguagem, e os textos mostram-se como reflexos e refrações de perspectivas ideológicas da vida.

Palavras-chave: texto; cultura; linguagem; discurso; ideologia.

Abstract: The purpose of this article is to discuss text as the texture of culture, highlighting a necessary relationship between the two. We start from the theoretical assumptions of thinkers who approach language, and consequently text, as inseparable from historical, political, and cultural moments of society, such as Mikhail Bakhtin, Valentin Voloshinov, Yuri Lotman, Émile Benveniste, and Roland Barthes. Methodologically, we conducted bibliographic research through which we raised reflections concerning our objective. By relating them, we sought the theoretical foundation for the research. The considerations point out that both culture and subjects are constituted by language, and texts show themselves as reflections and refractions of ideological perspectives of life.

Keywords: Text; Culture; Language; Discourse; Ideology.

Resumen: El propósito de este artículo es discutir el texto como tejido de la cultura, evidenciando una relación necesaria entre ambos. Partimos de los presupuestos teóricos de pensadores que abordan el lenguaje, y conseqüentemente el texto, como inseparables de los momentos históricos, políticos y culturales de la sociedad, tales como Mijail Bajtin, Valentin Volóshinov, Iuri Lotman, Émile Benveniste y Roland Barthes. Metodológicamente, realizamos una investigación bibliográfica a través de la cual planteamos reflexiones concernientes a nuestro objetivo. Al relacionarlas, buscamos el fundamento teórico para la investigación. Las consideraciones señalan que tanto la cultura como los sujetos se constituyen por el lenguaje, y los textos se muestran como reflejos y refracciones de perspectivas ideológicas de la vida.

Palabras clave: texto; cultura; lenguaje; discurso; ideología.

Introdução

A história humana mostra que o texto sempre fez parte de nossa formação. Em certo sentido, a história, tanto material quanto espiritual,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

² Queens Mary University of London, Londres, Reino Unido; Université Sorbonne Nouvelle Paris 3, Paris, França.

³ Universidade Russa pela Amizade dos Povos Patrice Lumumba (RUDN), Moscou, Rússia.

⁴ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

consiste em textos da cultura, isto é: um corpo de signos verbais unidos por um significado comum que não é apenas uma apresentação consistente de informações, mas também um enunciado discursivo íntegro e completo que forma o texto comum. Como qualquer outro texto, o texto da cultura também é de natureza comunicativa, o que nos leva a considerar os conceitos gerais como autor, destinatário/receptor, linguagem, sentido, significado, contexto. Esses conceitos de forma generalizada determinam a compreensão do texto como um fenômeno cultural. Recorde-mos, por exemplo, que no romance *Notre Dame de Paris*, de 1831, que é uma extensa ekphrasis, Victor Hugo (2013) chama a arquitetura de "a crônica da humanidade" na era anterior a Gutenberg.

Com os registros mais antigos, os desenhos em cavernas, percebemos a relação entre a humanidade e a necessidade de simbolizar como meio de compreender o mundo, incluindo aí seu grupo, entidades divinas ou a si mesmo. Dessa forma, podemos dizer que a capacidade de simbolizar é inerente à espécie humana (Benveniste, 2005, p. 27). Dos desenhos rupestres à linguagem computacional, passando pela complexidade da linguagem humana, temos sempre por base sistemas simbólicos que sustentam a comunicação e a interação de sujeitos em comunidade. É por meio desse raciocínio que Bakhtin (2016, p. 87) nos afirma: "quando estudamos o homem, procuramos e encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado". Portanto, o estudo do ser humano em comunidade, de sua cultura, se dá por meio de estudos de textos, de discursos.

A noção de discurso, um fenômeno comunicativo complexo, inclui, para além do texto, fatores extralinguísticos, como conhecimento do mundo, opiniões, atitudes e objetivos tanto dos autores quanto dos destinatários. O fenômeno é interdisciplinar e é ao mesmo tempo lógico, retórico e gramatical. As partes do discurso passaram para o domínio da gramática, já as figuras de linguagem são os procedimentos advindos da retórica. Portanto, o discurso é uma noção muito ampla que foi utilizada historicamente de

formas muito diferentes, consoante às teorias linguísticas de cada época. Devido ao desenvolvimento das teorias da enunciação, tende por vezes a substituir as noções de língua e de texto (Delesalle, 1998, p. 32).

Situamos o nosso tema em torno da relação entre o texto e a vida. Tentamos responder à seguinte questão norteadora: de que modo o texto pode ser considerado como um meio de revelar e de entender a vida? Para tanto, levantamos escritos de pensadores da linguagem, como Émile Benveniste, Valentin Volóchinov, Mikhail Bakhtin, Iúri Lotman e Roland Barthes, para os quais o estudo das manifestações de linguagem deve ser indissociável da vida real. As considerações a seguir partem das reflexões teóricas para respondermos ao nosso propósito. O ponto que aqui se quer pensar é a linguagem como modo de revelar o humano.

1 A linguagem

Valentin Volóchinov, em seu escrito *Que é a linguagem* (2019), originalmente publicado em 1930, propõe a relação do nascimento da linguagem humana com o trabalho. Foi a necessidade imperiosa de organizar as ações de subsistência da comunidade que motivou os indivíduos a compartilharem sinais simbólicos, tanto orais quanto gestuais, com o intuito de garantir a alimentação, o abrigo, a defesa, a proteção pelas divindades, bem como garantir a própria organização social e hierárquica das tribos. O aparecimento dos primeiros vestígios da linguagem estaria conectado à constituição social do ser humano. Logo, a linguagem é, por natureza, social. Os sistemas simbólicos humanos evoluem para acompanhar as conquistas intelectuais e sociais. Os objetos do cotidiano transformam-se em símbolos cerimoniais, a palavra do líder religioso passa a ser lei carregada do poder divino. É a cultura da linguagem ligada à vida.

Para Benveniste, a linguagem é a condição essencial à sociedade:

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si

mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (2005, p. 285).

Sem linguagem, não há sociedade. Portanto, para que um ser faça parte de uma comunidade, ele precisa nascer para a linguagem. É a linguagem que introduz o indivíduo na sociedade (Benveniste, 2005, p. 27). Volóchinov (2019) nos fala sobre o nascimento biológico e social do ser. O nascimento biológico confere-nos a individualidade física no mundo, mas ela não basta. É preciso que nasçamos socialmente, quer dizer, que participemos da história da sociedade e da cultura, que se dão por meio de discursos.

Uma pessoa isolada, agindo em nome próprio, por sua conta e risco, não pode de modo algum ter relação com a história. Somente como parte do todo social, na sua classe e por meio da sua classe, a pessoa torna-se historicamente real e ativa. Para entrar na história não é suficiente o nascer físico – assim nasce um animal, mas ele não entra para a história –, é preciso uma espécie de segundo nascimento, social (Volóchinov, 2019, p. 60).

Por essas passagens de Benveniste e Volóchinov, pretendemos afirmar, ao lado dos autores, a indissociabilidade da linguagem e da vida: esta, necessariamente social, histórica, como vimos, pois acontece na e pela interação entre sujeitos; aquela, materializada em textos.

A concepção da linguagem inclui o diálogo como uma dimensão integral. A linguagem é um elo entre as pessoas que só se entendem quando se certificam de que entenderam as palavras umas das outras. A natureza dialógica original da linguagem está relacionada, neste sentido, tanto à maneira como aprendemos idiomas quanto à maneira como os idiomas se desenvolvem. Como Sheila Grillo apontou no ensaio introdutório à tradução de *Marxismo e filosofia da linguagem* (Volóchinov, 2017), a linguagem conecta a mente individual com a mente objetiva: "Falar – mesmo nas formas mais simples de discurso – significa unir o significado individual com a natureza humana geral. O mesmo pode ser dito sobre a compreensão do que foi comunicado" (Humboldt,

2013 *apud* Volóchinov, 2017, p. 19).

Os textos são meios de compreendermos a vida justamente porque dão a ela um acabamento, mesmo provisório. Nossas vivências como sujeitos no mundo encontram nos textos formas de concretizarem-se à nossa própria consciência e à do outro, possibilitando agirmos responsável e responsivamente. Nesse sentido, a presença do outro (outros) e as relações dialógicas desempenham um papel essencial.

2 A existência humana como uma potência criativa

Já em *A arte e a responsabilidade* (*Искусство и ответственность*), de 1919, (Bakhtin, 2003), que de certa forma resume a filosofia moral de Bakhtin, é postulada a centralidade da personalidade humana em que se unem as três áreas da cultura: a ciência, a arte e a vida (Bakhtin, 2003, p. 5). Em *Para uma filosofia do ato* (originais de 1918-1924), Bakhtin sugere que a vida humana em seu todo pode ser tomada como um ato complexo delimitado pelo nascimento e pela morte (Bakhtin, 2003, p. 8). É precisamente o fato de sermos mortais que atribui o valor – no plano do ritmo e no plano do conteúdo – à vida humana (Bakhtin, 2003, p. 59-60). Porém, como ele afirma em *O autor e a personagem na atividade estética* (originais de 1921-1924), não somos capazes de lançar um olhar externo para a nossa própria existência:

O conjunto da minha vida não tem significado no contexto axiológico da minha vida. Os acontecimentos do meu nascimento, da minha permanência axiológica no mundo e, por último, de minha morte não se realizam em mim nem para mim. O peso emocional de minha vida em *seu conjunto* não existe para mim mesmo (Bakhtin, 2011, p. 96).

É nessa relação que é sugerida a necessidade do outro. Para conceber a própria existência, é necessário ser possuído pelo outro:

Eu posso, evidentemente, imaginar o mundo depois de minha morte, mas de dentro de mim já não posso vivenciá-lo como um fato de colorido emocional de minha morte, de minha inexistência; para tanto devo compenetrar-me do outro e dos outros, para quem minha morte,

minha ausência será um acontecimento de sua vida; ao empreender a tentativa de perceber emocionalmente (axiologicamente) o acontecimento de minha morte no mundo, torno-me possuído pela alma de um outro possível, já não estou só quando tento contemplar o todo da minha vida no espelho da história, assim como não estou só quando contemplo no espelho a minha aparência externa (Bakhtin, 2011, p. 96).

A finitude da vida da outra pessoa contribui para a construção das memórias sobre ela, que consistem na estetização da sua personalidade (Bakhtin, 2011, p. 98), de modo que "a morte é uma forma de acabamento estético do indivíduo" (Bakhtin, 2011, p. 120). A memória se apresenta como uma forma de vencer esteticamente a finitude da vida humana (Bakhtin, 2011, p. 121). Portanto, já nos primeiros textos, Bakhtin aborda a morte como um elemento estruturante da vida e, a partir dela, das narrativas memorialísticas e literárias ou, como ele formula, "o arranjo arquitetônico do mundo da visão estética em torno de um centro valorativo – a pessoa mortal" (Bakhtin, 2003, p. 60).

Outra reflexão resultante da concepção da existência humana no plano artístico se refere à posição específica que o autor ocupa em relação ao personagem: "a exotopia do autor em relação ao personagem, o afastamento amoroso de si mesmo do campo de vida do personagem" (Bakhtin, 2003, p. 97, tradução nossa). A autoexclusão do autor inaugura, de certa maneira, a ideia da morte do autor, anunciada depois por Barthes. Para Bakhtin (2003, p. 232), no entanto, o autor, mesmo aparentemente ausente, é o portador da unidade conclusiva formal. No livro sobre Dostoiévski, de 1929, a exotopia do autor se tornou o ponto de partida para a compreensão da estrutura inovadora do romance polifônico; Bakhtin (2022, p. 117) sugere que o romancista transformou a inconclusibilidade estética do ser humano em inconclusibilidade artístico-formal das personagens.

A transferência das reflexões existenciais para o plano artístico-estético também é um dos pontos centrais do livro (originalmente publicado em 1965) de Bakhtin sobre Rabelais (2010). Na cosmovisão popular, a existência humana indivi-

dual, assim como uma série de outras questões, é compreendida pelo prisma da ambivalência, multicorporeidade e inconclusibilidade: a morte integra a vida e, junto com o nascimento, determina o seu eterno vir a ser. Essa ambivalência se torna a pedra de toque da arquitetônica do romance rabelaisiano.

No artigo "Morte como um problema do enredo", escrito em 1993, Lúri Lotman concebe a finitude da vida como um problema semiótico que pode ser pensado, em particular, a partir da sua manifestação na arte. Lotman (1994, p. 417) destaca o paradoxo trágico entre a continuidade do processo de multiplicação da vida coletiva, por um lado, e sua descontinuidade na existência individual, por outro. Essa oposição o aproxima de Bakhtin, que observou a presença, na cultura humana, das duas visões da morte: como parte do eterno vir a ser, na cosmovisão popular, e a sua percepção trágica e particular na cultura europeia com o advento da modernidade (Bakhtin, 2010, p. 11).

Segundo Lotman (1994, p. 417), o desejo humano de atribuir significado e objetivo às ações e aos acontecimentos levou à divisão da realidade ininterrupta em segmentos convencionais. A atribuição de significados à realidade passa inevitavelmente pela segmentação: a única forma de tornar a realidade acessível à compreensão que se torna especialmente relevante no processo da reflexão artística.

Como resultado, na esfera da realidade, a morte adquire um papel semântico específico. Por sua vez, no campo da arte, os começos e fins e, em especial, estes últimos, passam a desempenhar um papel de destaque (Lotman, 1994, p. 417-418). Ou seja, Lotman também vê a diáde vida/morte como uma potência artística modelizante ou arquitetônica, nos termos de Bakhtin: "Assim como o conceito de arte está relacionado à realidade, as noções de texto e limite do texto estão inseparavelmente ligadas às de vida e morte" (Lotman, 1994, p. 418).

Tanto Bakhtin quanto Lotman veem na arte uma possibilidade de questionar a morte compreendida com um fim absoluto. O tema da vitória

sobre a morte, discutido pela filosofia cosmista russa ainda no final do século XIX, está presente em várias narrativas utópicas, distópicas e de ficção científica. Por exemplo, na peça *O percevejo* (2009), de Vladimir Maiakóvski, originalmente de 1928, o burguês Ivan Prissyppkin é congelado e descongelado após 50 anos, em 1979, quando o comunismo já teria vencido. Nesse novo mundo, não há lugar para um ser tão obsoleto e por isso ele passa a ser exibido em um zoológico. Aleksandr Beliáev (2022), no romance *Голова профессора Доуэля* (*A cabeça do Professor Dowell*), de 1925, reflete sobre a possibilidade de manter apenas a cabeça de uma pessoa viva. Em 2021, o tema recebeu continuação no romance *Transhumanism Inc.*, de Viktor Peliévin (2023): em um futuro distante, a imortalidade se dá por meio da preservação da vida nos cérebros. Porém, como essa opção é muito cara, ela não é acessível a toda a população: apenas aos mais ricos e poderosos. Na distopia *Кысь* (*Kys*, de 2000), de Tatiana Tolstáia (2018), a narrativa se localiza em um futuro distante em que, depois de uma explosão nuclear, as pessoas, os animais e as plantas sofreram mutações genéticas. Dos destroços da antiga Moscou, surgiu a cidadezinha de Fiódor-Kuzmitchsk, cujo nome homenageia o tirano regente. A cultura antiga foi quase totalmente apagada e só os assim chamados "anciãos", os sobreviventes da explosão que se tornaram quase imortais, recordam-se dela. Os anciãos sobreviventes poderiam ajudar a recriar o vínculo perdido entre as gerações, mas não são ouvidos nem levados a sério. A sua imortalidade torna-se, portanto, absolutamente inútil. Assim, nas quatro obras citadas, a imortalidade não se apresenta como um avanço da humanidade, mas como perpetuação das suas mazelas. Já na utopia *Estrela Vermelha* (2020), de Aleksandr Bogdánov, originalmente de 1908, é descrita uma sociedade socialista em Marte. No entanto, a civilização marciana é fadada à aniquilação devido ao esgotamento dos recursos naturais em seu planeta. A sua sobrevivência, bem como a perpetuação dos ideais socialistas, só é possível mediante transferência para outros planetas. Trata-se de uma transfusão de vida interestelar,

interplanetária, entre as humanidades. A cultura terráquea recebe a missão de renovar a civilização marciana e reproduzir o modelo socialista de modo criativo. A ideia da renovação da vida por meio das novas gerações e até mesmo outras civilizações converge com a visão da vida como um eterno devir coletivo, apresentada por Bakhtin no livro sobre Rabelais (2010).

A reflexão existencial sobre a imposição da morte cria um terceiro tipo do enredo – além do cíclico e do linear, mencionados por Lotman (1994) – em que reina o inacabamento. Seria uma tentativa de trazer, para o plano de enredo, o imprevisível e o acaso. Como um exemplo da recusa do fim no plano do enredo, Lotman cita o romance em versos *Evguiêni Oniéguin*, originalmente de 1833, de Aleksandr Púchkin (2023). Púchkin realiza um experimento ousado ao introduzir, na poesia, o elemento não discreto, ou o ininterrupto. Assim surge um romance desprovido de fim. Além da inconclusibilidade do romance, Lotman (1994) reflete sobre a morte da personagem Liênski: por um lado, seu fim foi predeterminado pelo escritor; mas, por outro, na realidade da vida, no momento em que ocorreu o duelo, não existiu um único futuro predeterminado e sim um conjunto de futuros igualmente prováveis. Qual, dentre esses, teria se realizado é imprevisível, ou seja, é uma obra do acaso (Lotman, 1994, p. 423-424).

A imprevisibilidade é um dos conceitos centrais do Lotman tardio. O acaso é o momento de explosão em que ocorre a intervenção dos acontecimentos vindos de outros sistemas. Existe um conjunto de possibilidades igualmente prováveis, das quais apenas uma se realizará. Mas quando o acontecimento ocorre, ele lança uma sombra retrospectiva e o acaso passa a ser visto como uma consequência inevitável:

O olhar do passado para o futuro, por um lado, e do futuro para o passado, por outro, altera decisivamente o objeto observado. Olhando do passado para o futuro, vemos o presente como um conjunto de possibilidades igualmente prováveis. Olhando para o passado, já vemos dois tipos de acontecimentos: os reais e os possíveis. O real para nós adquire o status de fato, e tendemos a ver nele a única opção. Oportunidades não realizadas transformam-se em coisas que fatalmente não poderiam

ser realizadas. Tornam-se efêmeras (base da filosofia hegeliana). Durante esse processo, o acaso desaparece completamente da história (Lotman, 1994, p. 426).

Via de regra, o passado – um texto contado por um historiador – é percebido como inevitável, o que quase sempre leva ao desejo não apenas de recontá-lo (como é típico de todo o *corpus* de romances históricos clássicos da segunda metade do século XIX), mas de corrigi-lo. Ao que parece, a correção e a reescrita do texto do passado e mesmo dos acontecimentos recentes são características de toda a humanidade, que viveu os horrores das guerras e tentou lidar com esse trauma.

3 O texto da cultura

Para Lotman (2012), ao concebermos o mundo, o transformamos em um grande texto, composto por inúmeros outros textos, ou subtextos. Toda a cultura humana pode ser vista como um texto. A cultura discursiva nunca é homogênea: ela evolui no tempo, é influenciada por diferentes comunidades discursivas e é um espaço de colisão entre diversos pontos de vista. Trata-se de um texto universal, multilíngue e multicultural, que acumula a memória da cultura e, justamente devido à sua natureza multilíngue, gera novos sentidos e novos textos culturais (Lotman, 2012, p. 230-231). É precisamente por meio do contato com o outro, outra língua ou outra cultura, que surge o novo. A partir desses novos textos culturais, formaram-se novas memórias históricas e novas mitologias. A cultura discursiva é um conceito herdado e transformado pela análise do discurso francês. Seguindo Wilhelm von Humboldt (*apud* Grillo *et al.*, 2021, p. 22), que procurou descobrir a influência da mentalidade de um povo na língua e da língua na formação da mentalidade, trata-se da relação intrínseca entre língua e cultura.

Por exemplo, a era da web 2.0 foi marcada, entre outras questões, pela chamada "revolução comunicativa", que teve implicações diretas no tema em discussão: a "textualidade arquitetônica", à qual se referiu Gérard Genette (1982, p. 7), expandiu-se até as dimensões da internet e se

tornou uma criação coletiva de um texto cultural comum. Obviamente, neste caso, também podemos dizer que o rizoma é um texto da cultura cujos fios horizontais são representados pelo usuário coletivo.

Lotman (1994, p. 427) atenta ainda para a importância de considerar a questão psicológica nos textos da cultura, nas memórias e nos textos históricos, como já foi empreendido pela escola francesa dos Annales, que propôs o conceito de "história total", envolvendo textos das escritas de si (diários, autobiografias, cartas). Entre esses aspectos psicológicos, está a tendência a omitir ou inventar alguns fatos. A invenção como parte da escrita memorialística resulta do processo de tradução do acaso para a linguagem da memória "não com intuito de fixar a realidade nela, mas sim de corrigir a realidade de maneira mais aceitável" (Lotman, 1994, p. 428); para o autor, a presença do elemento fantasioso nas memórias não seria algo negativo, pelo contrário, ele aproxima o gênero de memórias da literatura de ficção e da arte. A tradução da memória para a linguagem artística pode se desdobrar em um processo criativo ou em um apagamento do elemento imprevisível quando a narrativa pretende ser a única verdade sobre o passado. Nesse sentido, surge a questão do gênero dos diários como um texto de natureza específica que incorpora tanto o plano manuscrito (inicialmente) quanto o impresso. As escritas de si e a literatura documental podem ser vistas tanto como criações artístico-literárias quanto como textos históricos e objetivos que reivindicam a única verdade sobre o passado.

Abstendo-nos de adentrarmos no campo da aprofundado da filosofia, diremos, com Volóchinov (2017, 2019), que compreendemos a realidade por meio de respostas que lhe damos: respostas sob a forma de textos. A natureza dialógica do texto é talvez a sua característica mais importante, pois é graças a ela que podemos continuar o diálogo com a "obra aberta" de Umberto Eco (2020) no "grande tempo" de Mikhail Bakhtin (2010, p. 520-521). Nesse sentido, a realidade nunca é atingida por nós em sua natureza primeira, porque apresenta-se envolta por discursos. A realidade

que vemos é um ponto de vista, nunca ela própria. O sujeito, então, ao mobilizar a linguagem, vai particularizar esta perspectiva sobre a vida por meio de enunciados acabados esteticamente. É no instante da produção discursiva que o sujeito responsabiliza-se pelo que produziu, pois teve como fonte a sua particularidade de visão. Estamos no campo da ideologia, dos signos ideológicos.

4 Os signos ideológicos

Diferentemente de Saussure (2004), que designou os signos como linguísticos na cadeia de um sistema abstrato, Volóchinov e Bakhtin os apresentam como ideológicos na esfera da vida. Não dispomos simplesmente os signos organizados numa sequência sintagmática, mas os usamos para vivermos, quer dizer, os signos devem ser considerados no âmbito do seu uso. Somente no campo do uso da linguagem é que os signos de fato apresentam-se como reais. Para Volóchinov (2017), os signos refletem e refratam uma realidade, que é a própria do ser, recortada a partir de seu modo de ver, ou seja, concebida ideologicamente. Tais propriedades do signo ideológico, reflexão e refração, ocorrem simultaneamente e são inseparáveis, pois uma não acontece sem a outra: a referência a um objeto, a reflexão, é concomitante à apreciação que se faz dele, a refração. Assim, qualquer sujeito ao falar sobre o mundo concebe-o a partir de uma mirada ideológica. O objeto é apresentado como verdadeiro ou falso, bom ou desagradável etc. (Volóchinov, 2017), isto é, responde à vida de relação intersubjetiva. Como escreveu Barthes (2015, p. 47), “Eu me interesso pela linguagem porque ela me fere ou me seduz”. Tal é o campo da linguagem na vida.

Os textos não apenas criam as realidades da vida, mas moldam gerações. O grande romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, originalmente de 1774, de Goethe (2014), não só influenciou toda uma geração de jovens alemães, não só provocou uma onda de suicídios de acordo com o cânone do personagem-título, mas também criou o assim chamado “efeito Werther” posterior. O romance

O que fazer?, de 1863, de Nikolai Tchernichévski (2015), tornou-se um livro de referência para várias gerações de revolucionários russos, incluindo aqueles que realizaram a Revolução de Outubro. Anindita Banerjee (2013) afirma que a primeira ficção científica russa (com nomes como Aleksandr Beliáev, Aleksandr Bogdánov, Aleksei Tolstói, Iákov Ókunev, Marietta Chaguinian, Vivian Itin e muitos outros) influenciou significativamente a formação de todo o projeto soviético da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Não há dúvida de que palavras são necessárias não só para compreender o mundo e transmitir essa compreensão, mas também porque elas organizam a nossa percepção das coisas na forma de enunciados e de textos. Afinal, ao contemplarmos o mundo, damos nomes aos seus fenômenos.

Os textos, então, criam realidades da vida. As palavras são essenciais para compreendermos o mundo, já que são elas as organizadoras da nossa percepção das coisas, sob a forma de enunciados, de textos. A necessidade imperiosa de nomear é fundamental, pois é pelo nome que os seres entram, ou nascem, como vimos anteriormente, para a história social. Muitas de nossas discussões e mesmo conflitos mundiais estão relacionados a designações que, como não são meros decalques do mundo, partem invariavelmente de posições ideológicas e axiológicas.

Nesse sentido, torna-se muito útil a análise da semântica discursiva (lembra o termo ainda não esteja totalmente estabelecido, de acordo com Lecolle, Veniard e Guérin (2018, p. 36)), ou seja, uma abordagem que visa à compreensão da semântica. Essa abordagem engloba uma variedade de teorias que compartilham o interesse pela construção do significado no discurso e o papel do discurso na interpretação do significado.

O que é certo e o que é errado? Você é homem ou mulher? O que é próprio ou impróprio a cada gênero? Tal atitude é moral ou imoral? Estas, dentre outras, são discussões que categorizam os seres, suas atitudes e o mundo em esquemas mais ou menos fixos que, dependendo da “etiqueta” designada, podem demandar

ações responsivas distintas. O nome é importante porque vem acompanhado de avaliação social. Permissão ou proibição: tudo tem a ver com como categorizamos um objeto. Como escreveu Barthes (2005, p. 67) "Em suma, as coisas só existem porque alguém lhes dá nomes; portanto, em boa velha magia, eliminar o nome é eliminar a coisa", do mesmo modo que dar-lhe um nome é conceder-lhe existência.

Conclusões

Pelos tópicos aqui brevemente levantados, apresentamos nossas considerações acerca do texto como tecido da cultura e da vida. Apoiando-nos em Barthes (2015, p. 75), consideramos que o texto, compreendido como tecido, não pode ser tomado como um produto pronto e acabado. Nisso Barthes se aproxima do conceito de "inacabamento", ou "inconclusibilidade", de Bakhtin. Lotman considera a geração de novos textos uma das funções primordiais das culturas. No centro desse processo encontra-se o ser humano.

Ademais, o texto não é somente uma forma com significado, mas uma resposta do sujeito à vida. Por sua vez, o sujeito não é apenas um indivíduo de constituição fisiológica, mas social, discursiva. O ser humano nunca é separado da linguagem, que tampouco é inventada por ele, e sim herdada. Além disso, o ser humano não se encerra em si mesmo, uma vez que sempre se orienta pela existência do outro (outros). Do ponto de vista da linguagem, há dois nascimentos do ser humano: o primeiro é fisiológico e o segundo é o social que se dá na linguagem e por meio dela. Portanto, a vida ao nosso redor não é uma realidade inquestionável, mas mostra-se, por meio de discursos e textos, sempre por um viés ideologicamente marcado. Texto, sujeito e vida entrelaçam-se num meio comum, que é a linguagem.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da obra de Dostoiévski. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2022.

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. Собрание сочинений в 7-ми томах (Coletânea em 7 volumes). v. 1: Философская эстетика 1920-х годов (Estética filosófica dos anos 1920). Moscou: Русские словари, Языки славянских культур, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Собрание сочинений в 7-ми томах (Coletânea em 7 volumes). v. 6: Проблемы творчества Достоевского (Problemas da poética de Dostoiévski). Работы 1960 – 1970-х годов (Obras dos anos 1960 – 1970). Moscou: Русские словари, Языки славянских культур, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. Собрание сочинений в 7-ми томах. (Coletânea em 7 volumes). v. 4(2). Творчество Франсуа Рабле и народная культура средневековья и Ренессанса». «Рабле и Гоголь (Искусство слова и народная смеховая культура)» (A obra de François Rabelais e a cultura popular da Idade Média e do Renascimento. Rabelais e Gógol. A arte da palavra e a cultura popular do riso). Moscou: Русские словари, Языки славянских культур, 2010.

BANERJEE, Anindita. We Modern People: Science Fiction and the Making of Russian Modernity (Early Classics of Science Fiction). Middletown: Wesleyan University Press, 2013.

BARTHES, Roland. Inéditos. v. 4: Política. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. O prazer do texto. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BELIÁEV, Aleksandr. Голова профессора Доуэля. (A cabeça do Professor Dowell). Moscou: Eksmo, 2022.

BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral I. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005.

BOGDÁNOV, Aleksandr. Estrela vermelha. Tradução de Paula Vaz de Almeida e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Boitempo, 2020.

DELESALLE, Simone. Autour de la notion de discours. Les Carnets du Cediscor, Paris, n. 5, 31-38, 1998.

ECO, Umberto. Obra aberta. Tradução de Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2020.

GENETTE, Gérard. Palimpsestes: la littérature au second degré. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

GOETHE, Johann Wolfgang. Os sofrimentos do jovem Werther. Tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Martin Claret, 2014.

GRILLO, Sheila; REBOUL-TOURÉ, Sandrine; GLUSHKOVA, Maria. *Analyse du discours et comparaison : enjeux théoriques et méthodologiques*. Bruxelles : Peter Lang, 2021. 350 p.

HUGO, Victor. *O corcunda de Notre Dame*. Tradução de Jorge Bastos. São Paulo: Clássicos Zahar, 2013.

LECOLLE, Michelle; VENIARD, Marie; GUÉRIN, Olivia. *Pour une sémantique discursive : propositions et illustrations*. Langages, Paris, n. 210, p. 35-54, 2018.

LOTMAN, Iúri. Смерть как проблема сюжета (Morte como um problema do enredo). In: Юрий Лотман и Тартуско-Московская семиотическая школа (Iúri Lotman e a Escola Semiótica de Tártu-Moscov). Moscou: Gnozis, 1994. p. 417-430.

LOTMAN, Iúri. O fenômeno da cultura. In: VÓLKOVA AMÉRICO, Ekaterina. *Alguns aspectos da semiótica da cultura de Iúri Lotman*. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 227-247.

MAIAKÓVSKI, Vladímir. *O percevejo*. Tradução de Luís Antonio Martinez Corrêa. São Paulo: 34, 2009.

PELIÉVIN, Viktor. *Transhumanism Inc*. Moscou: Eksmo, 2023.

PÚCHKIN, Aleksandr. *Evguiêni Oniéguin. Romance em versos*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Penguin: Companhia das Letras, 2023.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organização de Charles Bally, Albert Sechehaye e Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Cultrix, 2004.

TCHERNICHEVSKI, Nikolai. *O que fazer?* Tradução de Angelo Segrillo. Curitiba: Prismas, 2015.

TOLSTÁIA, Tatiana. *Кысь (Kys)*. Moscou: AST, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: 34, 2017.

Ekaterina Volkova Américo

Professora doutora da Universidade Federal Fluminense. Integra Núcleo Tradução e Criação (UFF), Grupo de Pesquisa Diálogo (USP), Grupo de Estudos Discursivos sobre o Círculo de Bakhtin (UFLA), Grupo de Estudos Discursivos (Unesp).

Maria Glushkova

Professora doutora, com pós-doutorado como pesquisadora honorária/visitante na Queens Mary University of London, Reino Unido. Participante do Grupo "Analyse du discours et Culture" dans l'axe "Sens et discours" du *Clesthia*, da Université Sorbonne Nouvelle Paris 3, Paris.

Alexey Yuryevich Ovcharenko

Professor doutor em Filologia, professor associado, professor do Departamento de Língua Russa e Estudos Linguoculturais, Instituto da Língua Russa, Universidade Russa pela Amizade dos Povos Patrice Lumumba (RUDN), Moscou, Federação Russa.

Cláudio Primo Delanoy

Professor doutor adjunto e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Líder do grupo de pesquisa Discursos em Diálogo (certificado pelo CNPq).

Endereço para correspondência

Escola de Humanidades / Letras

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Avenida Ipiranga, 6681, prédio 8, sala 401.14

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.